



Liberdade da vontade e *fatum*¹

Tradução e notas: Luís Rubira

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS - Brasil, e-mail: luiseduardorubira@gmail.com

Pforta, 27 abril 1862

13 [7]

A *liberdade da vontade*, que em si não é senão liberdade de pensamento, está limitada do mesmo modo que a liberdade de pensamento. O pensamento não pode exceder o amplo círculo das ideias, porém o círculo das ideias depende das concepções obtidas e pode expandir e crescer com o aumento destas, sem sair dos limites determinados pela estrutura do cérebro. Do mesmo modo, a liberdade da vontade é capaz de aumentar até o ponto máximo e, dentro desses extremos, é ilimitada. Outra coisa é colocar a vontade em andamento; este poder, ademais, está fatalmente em nossa medida.

¹ “*Willensfreiheit und Fatum*”. In: NIETZSCHE, F.W. Werke. Begr. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Weitergef von Wolfgang Müller-Lauter und Karl Pestalozzi. – kritische Gesamtausgabe. – Berlin; New York: de Gruyter. Abt. 1., Bd. 2. Nachgelassene Aufzeichnungen: Herbst 1858 – Herbst 1862 / Hrsg. von Johann Figl. Bearb. von Hans Gerald Hödl. Unter Mitarb. von Ingo W. Rath. – 2000, p. 437-440.

Como o *fatum* aparece ao homem no espelho de sua própria personalidade, a liberdade da vontade individual e o *fatum* individual são dois adversários de mesmo poder. Nós vemos que os povos que acreditam num *fatum* se distinguem por sua força e pela firmeza de sua vontade, enquanto, pelo contrário, os homens e as mulheres que por mal compreendidas frases cristãs permitem as coisas irem como vão, pois “Deus faz sempre tudo pelo bem”, deixam-se levar pelas circunstâncias de um modo degradante. Em geral, o “entregar-se à vontade de Deus” e a “humildade” não são, frequentemente, senão maneiras de esconder uma covarde fraqueza para enfrentar com firmeza o destino.

Quando, porém, o *fatum* aparece como mais forte que a vontade livre para determinar os limites, então não podemos esquecer duas coisas: em primeiro lugar, que o *fatum* é somente um conceito abstrato, uma força sem matéria; que ele existe para o indivíduo apenas como um *fatum* individual; que o *fatum* não é senão um encadeamento de acontecimentos; que o homem, desde o momento em que age e cria seus próprios acontecimentos, determina seu próprio *fatum*; que, em geral, os acontecimentos, no modo como atingem o homem, são causados, consciente ou inconscientemente, pelo próprio homem e devem-lhe convir. A atividade do homem, todavia, não começa primeiro com o nascimento, mas sim já no interior do embrião e talvez – quem pode aqui decidir? – já nos pais e avós. Todos vocês, que creem na imortalidade da alma, deveriam também acreditar na pré-existência da alma; caso não queiram que alguma coisa imortal possa se desenvolver a partir de alguma coisa mortal, vocês também deveriam acreditar nesse modo de existência da alma, se não quiserem deixar a alma flutuar no ar até que ela finalmente esteja encarnada num corpo. O Hindu diz: o *fatum* não é outra coisa senão as ações que nós praticamos em um estado anterior de nosso ser.

Como refutar que não agimos com consciência desde toda a eternidade? A partir da pouco desenvolvida consciência dos bebês? Não podemos, pelo contrário, afirmar que nossas ações sempre estão em relação com nossa consciência? Também Emerson disse:

Sempre o pensamento está unido
com a coisa que aparece como sua expressão.²

Pode um som nos comover se não há uma corda que lhe corresponda em nós? Ou expresso de outra maneira: podemos receber uma

² Nota do tradutor: ver EMERSON, R.W. *Das Fatum*. Leipzig, 1862, p. 1.

impressão em nosso cérebro se nosso cérebro não possui já uma capacidade receptiva para isso?

A vontade livre é apenas uma abstração e significa a capacidade de agir conscientemente, enquanto que sob o *fatum* nós compreendemos o princípio que nos guia quando agimos inconscientemente. O agir, em si e por si, sempre expressa uma atividade do espírito, uma direção da vontade que nós mesmos ainda não necessitamos ter como objeto diante da visão. No agir consciente também podemos nos deixar guiar muito por impressões, assim como no agir inconsciente, mas tão pouco fazê-lo. Dizemos, às vezes, por um ato feliz: eu o fiz por acaso. Isto não necessita, de modo nenhum, ser sempre verdadeiro. A atividade da alma perdura e não enfraquece sua força, mesmo quando nós não a contemplamos com nossos olhos espirituais.

De modo semelhante, quando na clara luz do sol mantemos os olhos fechados, pensamos, com frequência, que para nós o sol não brilha. Porém os seus efeitos sobre nós, a ação vivificante de sua luz, seu suave calor, não cessam, mesmo se nós não os percebemos pelos sentidos.

Portanto, quando se toma o conceito do agir inconsciente apenas como um deixar-se guiar por impressões anteriores, então desaparece para nós a rigorosa diferença entre *fatum* e vontade livre e ambos conceitos se confundem na ideia de individualidade.

Quanto mais as coisas se distanciam do inorgânico e quanto mais se amplia a cultura [*Bildung*], tanto mais distingue-se a individualidade e mais variadas são suas qualidades. A força espontânea e as impressões externas, as alavancas de seu desenvolvimento, que são elas senão a liberdade da vontade e o *fatum*?

Na liberdade da vontade reside para o individuo o princípio da separação, da divisão do todo, da ausência absoluta de limites; o *fatum*, todavia, coloca novamente o homem em sua união orgânica com o desenvolvimento do todo e, enquanto tenta dominá-lo, obriga-o a um livre desenvolvimento de forças opostas; a liberdade absoluta da vontade, sem *fatum* faria do homem um deus; o princípio fatalista faria dele um autômato.

Recebido: 15/02/2014

Received: 02/15/2014

Aprovado: 25/02/2014

Approved: 02/25/2014